

# A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Suely Marilene da Silva  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Eixo VII – Educação, diversidade e formação humana: gênero, sexualidade, étnico racial, justiça social, inclusão, direitos humanos e formação integral do homem.

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa foi investigar se a orientação sexual se está sendo abordada de maneira adequada segundo os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). O Processo de Construção do Conhecimento Educacional a Luz da Teoria Freudiana: um estudo com alunos da Rede Municipal de Recife, a respeito da orientação sexual em sala de aula, para alunos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Recife. Partindo dos princípios de orientação sexual no processo, esse iniciado na infância que abrange toda vida e que a abordagem neste tema na escola é de fundamental importância. Foi feito o seguinte questionamento: quais as dificuldades em abordar a temática da sexualidade entre educador e educando? Como a escola lida com o assunto considerado como tabu? E sobre a formação dos professores com o tema polemico sobre sexualidade.

**Palavra-chave:** Educação Sexual, Discente, Docente.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa partiu das curiosidades que as crianças sofrem por não ser trabalhado o tema, orientação sexual em sala de aula. Diante das dificuldades em abordar a temática, detectamos os desafetos dos alunos em sala, carência de formações para os educadores e a presença de vários preconceitos na sala de aula envolvendo a temática, com isso surgiu o interesse pelo tema entendendo que ele auxiliará na ampliação dos nossos conhecimentos proporcionando-nos esclarecimentos de dúvidas, para assim trabalharmos com segurança, desprendendo dos preconceitos, e abordando a sexualidade em todos os âmbitos diante da sociedade. A orientação sexual na escola é vista como tabu, assim entendemos que é necessário problematizar e levantar questionamentos ampliando com isso o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno próprio escolha seu caminho, conforme orienta Brasil 1997. A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, instituídos em 1995 pelo

Ministério da Educação, a Orientação Sexual passou a ser um tema transversal idealizado pelo viés da transdisciplinaridade. Diante da importância de refletir sobre as questões de gênero no ambiente escolar, uma vez que, na escola encontra-se uma multiplicidade de indivíduos com experiências de vida, sonhos e realidades específicas e, compreender, aceitar e saber como lidar com esta diversidade é fundamental para quem busca uma sociedade mais justa e sem preconceitos e discriminações.

Considerando-se todos os aspectos inferidos do estudo, espera que ele venha a contribuir, juntamente com outras visões, com a construção de uma proposta menos dogmática e mais crítica de orientação sexual escolar. Para Veiga (1997, p. 240) considera as representações dos educadores ainda muito bitoladas, pois "Alguns professores, na sua ação pedagógica em sala de aula, apresentam [...] uma visão reducionista, sexológica, biologicista e que necessitam ser redimensionadas". Mas qual seria o motivo dessa representação da sexualidade manter-se tão atrelada à reprodução e a genitalidade? Para um dos estudiosos sobre sexualidade contemporânea a sexualidade não está atrelada às genitálias, ou seja, aos órgãos性uais em si, mas a uma construção social que remetem os indivíduos a se comportarem como homens e mulheres de acordo com características econômicas com moldes de uma política conservadora. De acordo com Foucault (1997, p. 38) mostra essa relação:

Reflete profundamente sobre essa questão e avança na discussão. Relacionando sexualidade e poder numa rede intrincada, sugere que a primeira se submete a este último por uma razão política e econômica. Ele questiona se essa representação da sexualidade centrada na genitalidade e atrelada à reprodução, característica dos últimos três séculos, não estaria ordenada a uma preocupação elementar: "... reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora?"

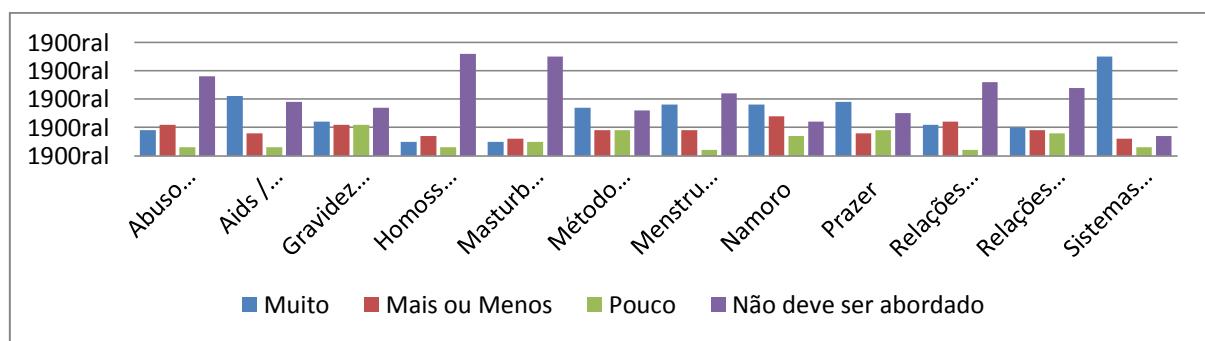
O estudo da sexualidade como tema transversal, apresentada nos PCN (1998), é uma maneira de tentar amenizar a visão fragmentada que se tem do saber e do ser humano.

Os PCNs (1998), colocando a sexualidade como tema transversal, é uma maneira de tentar amenizar a visão segmentária que se tem do saber e do ser humano. Busca-se um redimensionamento dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais com suas inter-relações, os novos paradigmas político-pedagógicos buscando resgatar a dimensão integral do cidadão através da cidadania. O projeto de transversalidade coloca a sexualidade como um tema a atravessar todas as áreas do saber, contextualizando e problematizando em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos, religiosos, éticos e culturais. Reduzir a sexualidade

ao biológico, segundo Souza (1993), é um legado secular que trouxe consequências marcantes em toda a história da humanidade. A orientação sexual escolar é percebida como um assunto de especialistas que detêm o suposto saber sobre a sexualidade levando a uma disciplinarização da mesma e, portanto a uma censura sobre o que e quem pode falar sobre ela. Em consideração que a representação dos educadores, em última análise, é o fator norteador da abordagem do tema dentro da escola, a busca pela cidadania através de uma proposta de transversalidade precisa ser repensada e recontextualizada, sob pena de se fazer de uma possível Orientação Sexual, um (des) serviço social.

## RESULTADOS

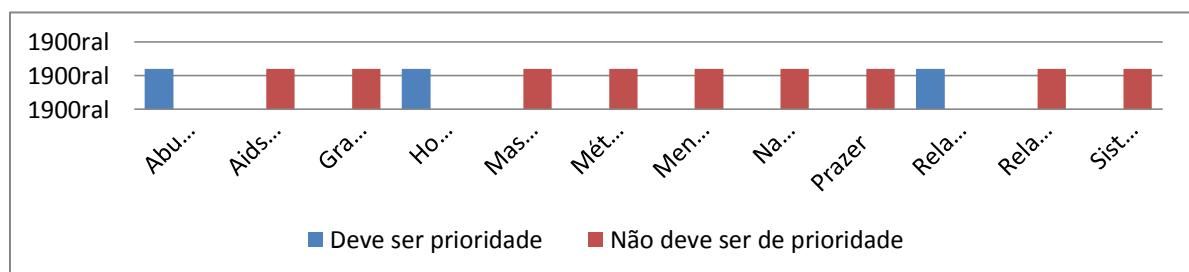
Gráfico 1: Número de Alunos que consideram muito importante o trabalho com determinados temas referente à sexualidade.



Fonte de Pesquisa: Aluna

Através da Leitura do Gráfico 1 exibida acima, percebe-se que os temas apontados pelo grau de interesse dos alunos a serem trabalhados em sala de aula foram: Sistemas Reprodutores, Aids/DST's, Prazer, Menstruação e Namoro.

Gráfico 2: Números de Professores e Coordenadores que consideram o trabalho com determinado tema referente a sexualidade.



Fonte de Pesquisa: Aluna do PET Gestão Política Pedagógica

Através da leitura do gráfico de hoje exibida acima percebe-se que os tema apontado pelo grau de interesse das professoras e coordenadoras a serem trabalhados em sala de aula e no contexto escolar foram: Abuso sexual, Homossexualidade e Relações de gêneros.

## DISCUSSÃO

A sexualidade infantil ganha cada vez mais espaços nas discussões e estudos científicos. A preocupação com a formação de como a sexualidade vem sendo trabalhada nas séries iniciais do ensino fundamental I, ou até mesmo silenciada pelos educadores que criam artifícios e desculpas para não trabalha-la, foi que surgiu o interesse em conhecer a concepção dos educadores acerca das questões relacionadas à sexualidade infantil, bem como a prática pedagógica destes naquilo que se refere às manifestações e implicações desse tema.

A Orientação Sexual é um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, do MEC, visando a compreensão e reflexão da realidade social, construindo assim a cidadania. A simples passagem de informações, embora muito relevante e de fundamental importância para o processo educativo, não se constitui, em si mesma, nesse processo. Fornecer informações sobre determinados fatos não é, isoladamente, um processo de uma atividade de ensino, de instrução, e não de orientação, ao menos enquanto a informação for passada isoladamente, pois a informação não muda comportamentos. Atualmente, têm-se realizado muitos estudos a respeito da sexualidade humana, pois essa é extremamente importante em todas as fases do nosso desenvolvimento. Segundo Freud (1856-1939), é algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Freud foi o primeiro a descrever o impacto das experiências da infância sobre o caráter do adulto, reconhecendo a atividade e o aprendizado sexual das crianças.

De acordo com Freud que fez um amplo estudo a respeito da sexualidade humana e foi o primeiro a descrever sobre a sexualidade infantil. Para ele, todos os impulsos e atividades prazerosas são sexuais. Acredita que fatores sexuais podem ter sua parte na etiologia das neuroses, sendo muito frequente a descoberta de fatores patogênicos na vida sexual de pacientes com transtornos mentais. Freud tinha formação humanista muito forte, tinha uma produção intelectual intensa e por sua erudição, conseguia pensar em metáforas para as referidas explicações. Freud mostra que a sexualidade humana não se liga à genitalidade e que se organiza a partir de operações psíquicas.

Neste sentido, a orientação sexual na escola ainda hoje é resistente pelos preconceitos, e tabus, pelas dificuldades que surgem em mediar essa temática por parte os educadores que na maioria das vezes sofreram represálias e chegaram à fase adulta com tais bloqueios ou até mesmo pro não ter formação específica, ficando assim constrangido em abordar esta orientação para os alunos: Diante desses fatores a conscientização dos educadores em relação ao assunto para tais manifestações sexuais na escola deveram estar respaldados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96. Queira ou não, a educação sexual ocorre nas escolas, por de traz das portas, no banheiro, na pornografia, através de atitudes de professores que não possui o menor preparo para lidar com essa temática. O educador precisa de orientação no que se refere, para posteriormente orientar o aluno sobre o tema sexualidade, visto que esta se manifesta no ser humano de várias formas, nos sentimentos, emoções, na relação sexual, no prazer. Em todas as relações sociais se constroem ao longo dos tempos regras, modelos, posturas, exigências, proibições em torno do sexo. Paulo Freire (2000), diz que a educação reflete a estrutura de poder, daí vem, a dificuldade de um educador dialógico atuar de forma coerente numa organização que nega o diálogo. Mesmo sendo a educação sexual parte integrante do processo educacional, fica difícil falar sobre algo que é negado. A escola muitas vezes nega a falar sobre sexualidade, então para se começar este diálogo é importante que se comece a partido da negação do diálogo em educação sexual.

Explorando assim a importância do vínculo afetivo que se estabelece a obrigação de amar o aluno, do oportunismo de atender ao interesse da criança do dever de ensinar, e ao mesmo tempo, acolher e compreender suas manifestações afetivas. Se a lei 9.324.20 rege a educação escolar brasileira tem por finalidade o desenvolvimento integral do educando, a escola para assegurar o alcance desse objetivo, há educar sexualmente a criança. A sexualidade humana é parte integral do desenvolvimento e da personalidade. A orientação na escola pode contribuir para eficácia do processo de ensino-aprendizagem, relacionando-se aos desenvolvimentos intelectual e social.

## METODOLOGIA

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa para análise dos dados. Foi enfocada uma turma do ensino fundamental de três escolas da rede Municipal que estar localizada no bairro do IBURA – COHAB, Recife / PE. Quanto aos instrumentos de coletas de dados, foi utilizado: a observação livre do contexto escolar, de sala de aula, questionários com a coordenadora e professores. As três escolas do ensino fundamental I da região metropolitana

do Recife no total de 51 alunos, 3 professores e 3 coordenadores. O desenvolvimento do trabalho levou em conta o contexto social da escola como um todo, na relação escolar, educador/educando, em uma concepção de projeto, sobre a importância do processo de ensino-aprendizagem, presentes nas práticas pedagógicas desta escola, sobre a formação dos professores com o tema polemico sobre sexualidade na rede municipal.

## CONCLUSÃO

A sexualidade não está vinculada apenas ao aspecto corporal. Ela tem a ver com o mais profundo do nosso ser, com a nossa razão e com os sentimentos. A sexualidade não se refere apenas à questão biológica. A busca por uma sociedade mais democrática e justa deve ser um dos objetivos dos atores sociais que trabalham na escola (professores, professoras, alunos, alunas, supervisores, supervisoras, diretores, diretoras, enfim, profissionais da educação), para que sejam formados cidadãs e cidadãos que respeitem a diversidade cultural, os valores, as crenças, bem como os comportamentos relacionados à sexualidade. Consequência das lutas históricas do movimento feminista, políticas públicas relacionadas à inserção da perspectiva de gênero na educação começaram a surgir nos documentos legais a partir da Constituição de 1988 e depois com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998).

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual Ensino Fundamental (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries) Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1996.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, art. 29, Lei de nº 9.324.20 de Dezembro de 1996,
- FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola,1999.
- FREIRE, P. Pedagogia da indignação. Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREUD, S. Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.